

SAMUEL BECKETT

ESPERANDO GODOT

Texto distribuído pelo site de teatro www.oficinadeteatro.com

Para uso comercial ou montagem, entre em contato com o detentor dos direitos autorais.

PERSONAGENS:

ESTRAGON

VLADIMIR

POZZO

LUCKY

UM MOÇO

PRIMEIRO ATO

Caminha em um descampado, com árvore.

Entardecer.

ESTRAGON, sentado no chão, trata de descalçar-se com ambas as mãos. Detem-se e, esgotado; descansa, ofegando; volta a começar.

Do mesmo modo. Entra VLADIMIR

ESTRAGON. (Renunciando novamente.) - Não há nada a fazer.

VLADIMIR. (Aproximando-se de passos curtos e rígidos, separadas as pernas.) - Começo a

acreditá-lo. (*Fica imóvel*) Durante muito tempo resisti a acreditá-lo, dizendo-me — “VLADIMIR, seja razoável; ainda não tentou tudo.” E reemprenhia a luta. (*Reconcentra-se, pensando na luta. Ao ESTRAGON*) Assim que outra vez aí?

ESTRAGON. - Te pareces?

VLADIMIR. - Me alegra voltar a ver-te. Acreditava que te foras para sempre.

ESTRAGON. - E eu.

VLADIMIR. - Como celebraremos este encontro? (*Reflete*) Vens que te beijo. (*Estende a mão ao ESTRAGON*)

ESTRAGON. (*Irritado*) - Logo, logo.

(*SILÊNCIO*)

VLADIMIR. (*Molesto, friamente*) - Pode saber-se onde passou a noite o senhor?

ESTRAGON. - Na sarjeta

VLADIMIR. (*Surpreso*) - Onde?

ESTRAGON. (*Imutável.*) - Por aí.

VLADIMIR. - E não te sacudiram?

ESTRAGON. - Sim..., não muito.

VLADIMIR. - Os de sempre?

ESTRAGON. - Os de sempre? Não sei.

(*SILÊNCIO*)

VLADIMIR. - Quando penso..., sempre... pergunto-me o que teria sido de ti... sem mim... (*Com decisão.*) Sem dúvida, não seria agora mais que um montão de ossos.

ESTRAGON. - (*Ferido ao vivo.*) E que mais?

VLADIMIR. (*Aniquilado.*) - É muito para um homem sozinho. (*Pausa... Vivaçmente*) Por

outro lado, por que se desanimar neste momento? É o que eu me pergunto. Teria sido necessário pensá-lo faz uma eternidade, por volta de mil e novecentos.

ESTRAGON. - Basta! Ajude-me a tirar esta porcaria.

VLADIMIR. - Juntos, tivéssemos sido os primeiros em nos jogar da Torre Eiffel. Então, sim que o passávamos bem. Agora já é muito tarde. Nem sequer nos deixariam subir.

(*ESTRAGON volta para seu calçado.*) - O que fazes?

ESTRAGON. - Descalço-me. Não o fizestes nunca ?

VLADIMIR. - Faz tempo que te digo que é necessário descalçar-se todos os dias. Mais viarias escutar-me.

ESTRAGON.-(*Fracamente.*) - Ajude-me!

VLADIMIR. - Te encontras mal?

ESTRAGON. - Mal! Perguntas-me se me encontro mau!

VLADIMIR.-(*Acalorado.*) - Tu és o único que sofres! Eu não me importo. Entretanto, eu gostaria de ver-te em meu lugar. Já me dirias isso.

ESTRAGON. - Estiveste mal?

VLADIMIR. - Mal! Perguntas-me se estive mal!

ESTRAGON.-(*Assinalando com o indicador*) - Isso não é uma razão para que não te abotoes.

VLADIMIR.-(*Inclinando-se.*) - É verdade. (*abotoando-se*) Não terá que se descuidar nos pequenos detalhes.

ESTRAGON. - O que quer que te digas? Sempre esperas a última hora.

VLADIMIR. (*Sonhadoramente*) - A última hora... (*Medita.*) Demorará; porém valerá a pena. Quem dizia isto?

ESTRAGON. - Não queres me ajudar?

VLADIMIR. - Às vezes, digo-me que, apesar de tudo, chegará. Então, tudo me parece estranho. *(Tira o chapéu, olha dentro, passa a mão pelo interior, agita-o e volta a colocá-lo)* Como o diria? Aliviado e, ao mesmo tempo..., *(Busca.)* espantado. *(Com ênfase.)* Espantado! *(tira outra vez o chapéu e volta a olhar o interior.)* Era só que faltava! *(Golpeia em cima como que caísse algo, olha novamente ao interior e volta colocá-lo)* Assim que...

ESTRAGON. - O que? *(A custo de seu esforço consegue tirar o sapato. Olha dentro, coloca a mão, tira-a, sacode o sapato, olha pelo chão se por acaso caiu algo; não encontra nada, volta a passar a mão sapato, olhando vagamente.)* Nada.

VLADIMIR. - Deixe-me ver.

ESTRAGON. - Não há nada que ver.

VLADIMIR. - Trata de lhe pôr isso.

ESTRAGON. - *(Depois de examinar seu pé.)* Vou deixar que se areje um pouco.

VLADIMIR. - Eis aí um homem de uma peça que a toma por seu calçado, quando a culpa o tem o pé. *(Volta a tirar o chapéu, olha o interior passa a mão, sacode-o, golpeia em cima, sopra dentro, volta a colocá-lo.)* Isto começa a ser inquietante *(Silêncio. ESTRAGON move o pé, separando os dedos para que circule melhor o ar.)* Um dos ladrões se salvou. *(Pausa.)* É uma proporção aceitável. *(Pausa.)* Gogo...

ESTRAGON. - O que?

VLADIMIR. - E se nos arrependêssemos?

ESTRAGON. - E do que?

VLADIMIR. - Pois... *(Titubeando.)* Não faz falta entrar em detalhes.

ESTRAGON. - De ter nascido?

(VLADIMIR começa a rir a mandíbula batente, mas imediatamente se contém, levando a mão entre as pernas. Com gesto impaciente.)

VLADIMIR. - Nem sequer nos atrevemos a rir.

ESTRAGON. - Haja privação!

VLADIMIR. - Sorrir somente (*Espalha em seu rosto um supremo sorriso, que depois de um momento extingue-se subitamente.*) Não é o mesmo. Bom... (*Pausa*) Gogo...

ESTRAGON. (*Molesto.*) - O que acontece?

VLADIMIR. - Tem lido a Bíblia?

ESTRAGON. - A Bíblia... Lancei-lhe uma olhada, certamente.

VLADIMIR. (*Surpreso*) - Na escola laica?

ESTRAGON. - Qualquer um sabe se o era ou não.

VLADIMIR. - Deve confundi-la com a prisão juvenil.

ESTRAGON. - Quiçá. Recorda-me os mapas da Terra Santa. Em cores. Muito bonitos. O Mar Morto era azul pálido. Nada mais olhá-lo, entra-me em sede. Pensava: “—Aí iremos passar nossa lua de mel. Banharemo-nos. Seremos felizes.”

VLADIMIR. - Tinhas que ter sido poeta.

ESTRAGON. - Eu fui. (*Assinalando seus farrapos.*) É que não se nota?

(SILÊNCIO)

VLADIMIR. - O que estava dizendo?... Como está seu pé?

ESTRAGON. - Está inchando.

VLADIMIR. - Ah! Já recordo: a história dos ladrões. Recordas?

ESTRAGON. - Não.

VLADIMIR. - Assim matamos o tempo. (*Pausa*) Eram dois ladrões crucificados ao

mesmo tempo que o Salvador. Se...

ESTRAGON. - O que, quem ?

VLADIMIR. - O Salvador. Dois ladrões. Diz-se que um deles foi salvo, e o outro (*Busca a expressão contrária.*) condenado.

ESTRAGON. - Salvo do que?

VLADIMIR. - Do inferno.

ESTRAGON. - Vou-me (*Senta-se quieto.*)

VLADIMIR. - E, entretanto... (*Pausa*) Como é possível que...? Suponho que não te aborreço.

ESTRAGON. - Não, escuto.

VLADIMIR. - Como é possível que, dos quatro evangelistas só um conte os fatos desta forma? Não obstante, os quatro estavam ali; vamos..., não muito longe. Só um fala de um ladrão salvo. (*Pausa*) Bom, Gogo: de quando em quando podia colocar vaza.

ESTRAGON. - Escuto.

VLADIMIR. - Dos quatro, só um. Dos três, dois nem sequer o mencionam, e o terceiro diz que ambos lhe insultaram.

ESTRAGON. - Quem ?

VLADIMIR. - Como?

ESTRAGON. - Não entendo nada. (*Pausa*) Insultar, a quem?

VLADIMIR. - Ao Salvador

ESTRAGON. - Por que?

VLADIMIR. - Porque não quis salvá-los.

ESTRAGON. - Do inferno?

VLADIMIR. - Não, homem, não! Da morte.

ESTRAGON. - Nesse caso...?

VLADIMIR. - Os dois deveriam ser condenados.

ESTRAGON. - E depois?

VLADIMIR. - Mas um dos evangelistas diz que um se salvou.

ESTRAGON. - Vá, não estão de acordo; nada mais.

VLADIMIR. - Ali estavam os quatro. E só um fala de um ladrão salvo, por que acreditar em um, mais que aos outros?

ESTRAGON. - Quem lhe acredita?

VLADIMIR. - Pois todos. Só se conhece esta versão.

ESTRAGON. - Somos tontos.

(Levanta-se difíceismente. Coxeando, dirige-se para a lateral esquerda, detém-se, olha ao longe, protegendo com a mão os olhos; volta-se, vai para a lateral direita, olha ao longe.)

(VLADIMIR o olha, depois pega o sapato, olha dentro, atira-o precipitadamente.)

VLADIMIR. - Puff! *(Cospê)*

(ESTRAGON dirige-se ao centro do cenário e olha ao fundo.)

ESTRAGON - Formoso lugar! *(Volta-se, avança até a bateria e olha para o público.)* Rostos sorridentes. *(Volta-se até VLADIMIR.)* Vamos.

VLADIMIR. - Não podemos.

ESTRAGON. - Por que?

VLADIMIR. - Esperamos ao Godot.

ESTRAGON. - É verdade. *(pausa.)* Estás seguro de que é aqui?

VLADIMIR. - O que?

ESTRAGON. - Onde terás que esperar.

VLADIMIR. - Disse diante da árvore. (*Olham a árvore.*) Vês alguma outra?

ESTRAGON. - O que é?

VLADIMIR. - Eu diria que um salgueiro chorão.

ESTRAGON. - Onde estão as folhas?

VLADIMIR. - Devem de estar mortas.

ESTRAGON. - Se acabou seu pranto.

VLADIMIR. - A menos que não seja tempo.

ESTRAGON. - E não seria melhor uma arvorezinha?

VLADIMIR. - Um arbusto.

ESTRAGON. - Uma arvorezinha.

VLADIMIR. - Um... (*contém-se.*) O que quer insinuar? Que nos equivocamos de lugar?

ESTRAGON. - Já teria que estar aqui.

VLADIMIR. - Não assegurou que viesse.

ESTRAGON. - E se não vem?

VLADIMIR. - Voltaremos amanhã.

ESTRAGON. - E, depois, depois de amanhã.

VLADIMIR. - Possivelmente.

ESTRAGON. - E assim, sucessivamente.

VLADIMIR. - Quer dizer...

ESTRAGON. - Até que venha.

VLADIMIR. - É desumano.

ESTRAGON. - Já viemos ontem.

VLADIMIR. - Ah, não! Nisso te equivocas.

ESTRAGON. - O que fizemos ontem?

VLADIMIR. - Que, e o que fizemos ontem?

ESTRAGON. - Sim.

VLADIMIR. - Pois, pois... (Zangando-se.) Ninguém como você para não se entender.

ESTRAGON. - Eu acredito que estivemos aqui

VLADIMIR. - (Olhando ao redor.) Resulta-te familiar o lugar?

ESTRAGON. - Eu não disse isso.

VLADIMIR. - Então?

ESTRAGON. - Isso não tem nada a ver.

VLADIMIR. - Não obstante..., esta árvore..., (ao público.) essa confusão...

ESTRAGON. - Está seguro de que era esta noite?

VLADIMIR. - O que?

ESTRAGON. - Que devíamos lhe esperar.

VLADIMIR. - Disse no sábado. (Pausa.) Conforme acredito.

ESTRAGON. - Depois do trabalho.

VLADIMIR. - Devo ter anotado. (Revolve em seus bolsos, repletos de toda classe de porcarias.)

ESTRAGON. - Mas que sábado? É hoje sábado? Não seria melhor domingo? Ou segunda-feira? Ou sexta-feira?

VLADIMIR. (*Olhando enlouquecido ao redor dele como se a data estivesse escrita na paisagem.*) -

Não é possível.

ESTRAGON. - Ou quinta-feira.

VLADIMIR. - O que fazemos?

ESTRAGON. - Se a noite se machucou num balde, já pode estar seguro de que hoje não vêm.

VLADIMIR. - Mas, dizes, que nós viemos ontem à noite.

ESTRAGON. - Posso me equivocar. *(Pausa.)* Queres que nos calemos um pouco?

VLADIMIR. - *(Debilmente.)* Bom. *(ESTRAGON senta-se no chão. VLADIMIR percorre com passos longos a cena agitada. De quando em quando se detém para observar o horizonte. ESTRAGON dorme. VLADIMIR para diante de ESTRAGON.)* Gogo... *(Silêncio.)* Gogo... *(Silêncio.)* Gogo!

(ESTRAGON acorda sobressaltado.)

ESTRAGON. - *(Voltando-se para todo o horror de sua situação.)* Dormia. *(Com recriminação.)* Por que nunca me deixas dormir?

VLADIMIR. - Sentia-me sozinho.

ESTRAGON. - Estava tendo um sonho.

VLADIMIR. - Não me contes isso.

ESTRAGON. - Sonhei que..

VLADIMIR. - Não me contes.

ESTRAGON. - *(Com um gesto como para rodeá-lo.)* Isto te basta? *(Silêncio.)* Didi, não és bom.

A quem, a não ser a ti, quer que contes meus pesares íntimos?

VLADIMIR. - Que continuem íntimos. Já sabe que não posso suportá-lo.

ESTRAGON. - *(Friamente.)* Às vezes me pergunto se não seria melhor que nos separássemos.

VLADIMIR. - Não irias muito longe.

ESTRAGON. - Isso seria, com efeito, um grave inconveniente (*Pausa.*) Não é verdade, Didi, que isso seria um grave inconveniente? (*Pausa.*) Dada a beleza do caminho (*Pausa.*) E a bondade dos viajantes. (*Pausa. Lisonjeador.*) Não é verdade, Didi?

VLADIMIR. - Calma.

ESTRAGON. - (*Com voluptuosidade.*) Calma... Calma... (*Sonhador*) Os ingleses dizem «caalm». São pessoas «caalms». (*Pausa.*) Sabe a história do inglês no prostíbulo?

VLADIMIR. - Sim.

ESTRAGON. - Conta-me.

VLADIMIR . - Deixe-me.

ESTRAGON. - Um inglês bêbado vai a um prostíbulo. A encarregada lhe pergunta se quer uma loira, uma morena, ou uma ruiva. (*Segue.*)

VLADIMIR. - Deixe-me! (*Sai.*)

(*ESTRAGON levanta-se e segue-lhe até o limite da cena. Mímica do ESTRAGON, semelhante a que um boxeador provoca entre os espectadores. VLADIMIR volta, passa ante o ESTRAGON, cruzando a cena com a vista baixa. ESTRAGON encaminha-se para ele, mas se detém.*)

ESTRAGON. - (*Docemente.*) Querias falar-me? (*VLADIMIR não responde. ESTRAGON avança um passo.*) Tinhas algo que me dizer? (*Silêncio. Avança outro passo.*) Falas, Didi.

VLADIMIR. - (*Sem voltar.*) Não tenho nada que te dizer.

ESTRAGON. - (*Avança outro passo.*) Hás te enojado? (*Silêncio. Outro passo.*) Perdoas. (*Silêncio. Outro passo. Toca-lhe o ombro.*) Vamos Didi. (*Silêncio.*) Dá-me a mão! (*VLADIMIR volta-se.*) Dá-me um abraço! (*VLADIMIR ergue-se*) Venhas, homem! (*VLADIMIR cede. Abraçam-se. ESTRAGON volta-se atrás.*) Emprestas o alho!

VLADIMIR. - É para os rins. (*Silêncio. ESTRAGON olha a árvore atentamente.*) O que

fazemos agora?

ESTRAGON. - Esperamos.

VLADIMIR. - Sim; mas enquanto esperamos...

ESTRAGON. - E se nos enforcássemos?

VLADIMIR. - Seria uma maneira de ficarmos divertidos.

ESTRAGON. - Ficar um divertido?

VLADIMIR. - Com todas as conseqüências. E onde caíssemos, cresceriam mandrágoras.

Por isso, quando as arrancam gritam. Não sabia?

ESTRAGON. - Enforcuemo-nos agora mesmo.

VLADIMIR. - Em um ramo? (*aproximam-se da árvore e contemplam.*) Não confio.

ESTRAGON. - Podemos tentar.

VLADIMIR. - Provas.

ESTRAGON. - Primeiro, tu.

VLADIMIR. - Não, não; tu primeiro.

ESTRAGON. - Por que?

VLADIMIR. - Porque pesas menos que eu.

ESTRAGON. - Justamente.

VLADIMIR. - Não compreendo.

ESTRAGON. - Pensa um pouco!

(*VLADIMIR reflete*)

VLADIMIR. - (*Concluindo.*) Não compreendo.

ESTRAGON - Explicar-te-ei (*Medita.*) O ramo..., o ramo... (*Irado.*) Mas tenta compreendê-lo!

VLADIMIR . - Só tenho a ti.

ESTRAGON. - (*Esforçando-se.*)

Gogo, ligeiro,

Não se rompe o ramo;

Gogo, morto, Didi pesado;

rompe-se o ramo;

Didi, sozinho...

(*Busca a expressão precisa.*)

Enquanto que...

(*Busca a expressão precisa.*)

VLADIMIR. - Não tinha pensado nisto.

ESTRAGON - (*Que encontrou a frase que procurava.*) Quem pode mais, pode menos.

VLADIMIR. - Mas peso eu mais que tu?

ESTRAGON. - És tu quem o dizes. Eu não sei nada. Há uma probabilidade entre os dois. Ou quase.

VLADIMIR. - Assim, pois, o que fazemos?

ESTRAGON. - Não façamos nada. É mais prudente.

VLADIMIR. - Esperemos a ver o que nos diz.

ESTRAGON. - Quem ?

VLADIMIR. - Godot.

ESTRAGON. - Vás!

VLADIMIR. - Esperemos, acima de tudo, para estar seguros.

ESTRAGON. - Por outro lado, mais vale fazer as coisas quentes.

VLADIMIR - Tenho curiosidade por saber o que nos vai dizer. Isso não nos compromete em nada.

ESTRAGON. - Mas, exatamente, o que é o que lhe pediu?

VLADIMIR. - Não estava ali?

ESTRAGON. - Não prestei atenção.

VLADIMIR. - Pois... Nada em concreto.

ESTRAGON. - Uma espécie de súplica.

VLADIMIR. - Isso.

ESTRAGON. - Uma súplica vaga.

VLADIMIR. - Sim, se quiser.

ESTRAGON. - E o que respondeu?

VLADIMIR. - Que já veria.

ESTRAGON. - Que não podia prometer nada.

VLADIMIR. - Que necessitava refletir.

ESTRAGON. - Serenamente.

VLADIMIR. - Consultar com sua família.

ESTRAGON. - Com seus amigos.

VLADIMIR. - Com seus agentes

ESTRAGON - Com seus representantes.

VLADIMIR. - Seus arquivos.

ESTRAGON. - Sua conta corrente.

VLADIMIR. - Antes de decidir-se.

ESTRAGON. - É natural.

VLADIMIR. - Não é verdade?

ESTRAGON. - Assim me parece.

VLADIMIR. - A mim também.

(pausa.)

ESTRAGON. - E nós?

VLADIMIR. - Como?

ESTRAGON. - Dizia: e nós?

VLADIMIR. - Não entendo.

ESTRAGON. - E o que representamos nós em tudo isto?

VLADIMIR. - Que o que representamos?

ESTRAGON. - Preso ao tempo.

VLADIMIR. - Nosso papel? É o do suplicante.

ESTRAGON. - Até esse extremo?

VLADIMIR. - O senhor se mostra exigente?

ESTRAGON. - E já não temos direitos?

(VLADIMIR ri e cessa bruscamente, como antes. Igual encena, menos o sorriso.)

VLADIMIR. - Serias capaz de me fazer rir.

ESTRAGON. - Perdemos-os?

VLADIMIR. - *(Abertamente.)* Liquidamos-os. *(Silêncio. Permanecem imóveis, com os braços pendurando, a cabeça sobre o peito e os joelhos juntos.)*

ESTRAGON. - *(Fracamente.)* Estamos comprometidos? *(Pausa.)* Né?

VLADIMIR. - *(Levantando a mão.)* Escuta!

(Escutam grotescamente rígidos.)

ESTRAGON. - Não ouço nada.

VLADIMIR. - Chiss! (*Escutam. ESTRAGON perde o equilíbrio e está a ponto de cair. Agarra-se ao braço de VLADIMIR que se cambaleia. Escutam, apertando um contra o outro e olhando-se aos olhos.*) Eu tampouco. (*Suspiro de alívio. Pausa. Separam-se.*)

ESTRAGON. - Assustaste-me.

VLADIMIR. - Acreditei que era ele.

ESTRAGON. - Quem?

VLADIMIR. - Godot.

ESTRAGON. - Ora! O vento entre os canaviais.

VLADIMIR. - Juraria que eram gritos.

ESTRAGON. - E por que tinha que gritar?

VLADIMIR. - À seu cavalo.

(Silêncio.)

ESTRAGON. - Vamos?

VLADIMIR. - Aonde? (*Pausa.*) Quiçá, esta noite durmamos em sua casa, ao abrigarmos, sob o telhado, com a tripa cheia sobre a palha. Vale a pena que esperemos, não?

ESTRAGON. - Mas não toda a noite.

VLADIMIR. - Ainda é de dia.

(Silêncio.)

ESTRAGON. - Tenho fome.

VLADIMIR. - Quer uma cenoura?

ESTRAGON. - Não tens outra coisa?

VLADIMIR. - Devo ter alguns nabos.

ESTRAGON. - Dá-me uma cenoura. (*VLADIMIR meche em seus bolsos, tira um nabo e o dá ao ESTRAGON.*) Obrigado. (*Remói-o. Lamentando-se.*) É um nabo!

VLADIMIR - Oh, perdoo! Juraria que era uma cenoura. (*Busca de novo em seus bolsos e só encontra nabos.*) Só há nabos (*Segue procurando.*) Deves ter comido a última. (*Busca.*) Espera, aqui há uma. (*Saca, por fim, uma cenoura e dá ao ESTRAGON.*) Toma, meu amigo. (*ESTRAGON limpa-a com a manga e começa a comê-la.*) Devolve-me o nabo. (*ESTRAGON o devolve.*) Aproveitas bem, que não há mais.

ESTRAGON. - (*Sem deixar de comer.*) Fiz uma pergunta.

VLADIMIR. - Ah!

ESTRAGON. - Respondeste-me?

VLADIMIR. - Está boa tua hortalixa?

ESTRAGON. - Está doce.

VLADIMIR. - Melhor, melhor. (*Pausa.*) O que querias saber?

ESTRAGON. - Já não me lembro. (*Come.*) E isso é o me chateia. (*Olha a cenoura com avaliação e a faz girar no ar com a ponta dos dedos.*) É deliciosa sua cenoura. (*Chupa meditativamente a ponta.*) Escutas, já me lembro! (*Dá uma grande bocada.*)

VLADIMIR. - O que era?

ESTRAGON. - (*Com a boca cheia, distraído.*) Não estamos atados?

VLADIMIR. - Não entendo nada.

ESTRAGON. - (*Come, engole.*) Pergunto se estamos atados.

VLADIMIR. - Atados?

ESTRAGON. - Atados.

VLADIMIR. - Como atados?

ESTRAGON. - De pés e mãos.

VLADIMIR. - Mas a quem ? Por quem ?

ESTRAGON. - A seu bom homem.

VLADIMIR. - Ao Godot? Atados ao Godot? Vá idéia! Absolutamente. (*Pausa.*) Ainda não.

ESTRAGON. - Chama-se Godot?

VLADIMIR. - Assim acredito.

ESTRAGON. - Vá! (*Levanta os restos da cenoura por suas folhas secas e os faz girar ante seus olhos.*) É curioso; quanto mais se come, menos se gosta.

VLADIMIR. - A mim passa-se ao contrário.

ESTRAGON. - Ou seja?

VLADIMIR. - Eu, quanto mais como, mais eu gosto.

ESTRAGON. - (*Que meditou longamente.*) E isso o contrário?

VLADIMIR. - Questão de temperamento.

ESTRAGON. - De caráter.

VLADIMIR. - Não há nada que fazer.

ESTRAGON. - Por mais que alguém se mova.

VLADIMIR. - Cada um é como é.

ESTRAGON. - E não adianta dar voltas.

VLADIMIR. - O fundo não muda.

ESTRAGON. - Não há nada que fazer. (*Oferece ao VLADIMIR o que sobra da cenoura*)

Queres acabar isso?

(Ouve-se muito perto um grito terrível. ESTRAGON solta a cenoura. Ficam rígidos e depois se

precipitam para os laterais. ESTRAGON se detém meio caminho, volta para trás, agarra a cenoura, guarda-a no bolso, equilibra-se para o VLADIMIR, que lhe espera, volta a parar-se, retorna, pega seu sapato, logo corre a unir-se ao VLADIMIR. Agarrados pela cintura, a cabeça sobre os ombros, de costas a ameaça, esperam. Entram POZZO e LUCKY. Aquele dirige a este mediante uma corda ao redor do pescoço, de forma que ao princípio só se vê ao LUCKY, seguido da corda, o suficientemente comprida, como para que possa chegar ao centro da cena, antes que POZZO apareça pela lateral. LUCKY leva uma pesada mala, uma cadeira desmontável, um cesto com comida e, no braço, um casaco, POZZO, um látego.)

POZZO. - *(Dentro.) Mais rápido! (Estalando o látego. Entra POZZO. Cruzam a cena. LUCKY passa ante o VLADIMIR e ESTRAGON e sai. POZZO, ao ver o VLADIMIR e ESTRAGON, detém-se. A corda estende-se. POZZO tira-a violentamente.)* Atrás!

(Ruído de queda. LUCKY caiu com toda sua carga. VLADIMIR e ESTRAGON olham-no, vacilando entre lhe socorrer e o temor de meter-se no que não os importa. VLADIMIR avança um passo para o LUCKY, ESTRAGON lhe agarra pela manga.)

VLADIMIR. - Deixa-me!

ESTRAGON. - Tenhas calma.

POZZO. - Cuidado! É mau. *(ESTRAGON e VLADIMIR lhe olham.)* Com os estranhos.

ESTRAGON. - *(Baixo.)* É ele?

VLADIMIR. - Quem ?

ESTRAGON. - Quem vai ser?

VLADIMIR. - Godot?

ESTRAGON. - Claro.

POZZO. - Apresento-me: POZZO.

VLADIMIR. - Que vai!

ESTRAGON. - Dissestes Godot.

VLADIMIR. - O que vai!

ESTRAGON. - (*Ao POZZO.*) Não é você o senhor Godot, senhor?

POZZO. - (*Com voz terrível.*) Sou POZZO! (*Silêncio.*) Não lhes diz nada este nome?

(*Silêncio.*) Pergunto-lhes se não lhes diz nada este nome?

(*VLADIMIR e ESTRAGON se consultam com o olhar.*)

ESTRAGON. - (*Como quem busca.*) Bozzo..., Bozzo.

VLADIMIR. - (*Igual.*) POZZO.

POZZO. - Pppozzo!

ESTRAGON. - Ah!, POZZO, vá, vá... POZZO...

VLADIMIR. - É POZZO ou Bozzo?

ESTRAGON. - POZZO...; não, não me diz nada.

ESTRAGON. - (*Conciliador.*) Conheci uma família Gozzo. A mãe bordava.

(*POZZO avança, ameaçador.*)

ESTRAGON. - (*Vivamente.*) Nós não somos daqui, senhor.

POZZO. - (*Detendo-se.*) Entretanto, são seres humanos. (*Coloca os óculos.*) Ao menos pelo que vejo. (*Tira-se os óculos.*) De igual espécie que a minha. (*Solta uma enorme gargalhada.*) Da mesma espécie que POZZO! De origem divina!

VLADIMIR. - Ou seja.

POZZO. - (*Cortante.*) Quem é Godot?

ESTRAGON. - Godot?

POZZO. - Vocês me tomaram pelo Godot.

VLADIMIR. - Oh, não senhor! Nem por um momento, senhor.

POZZO. - Quem é?

VLADIMIR. - Pois é um ..., é um conhecido.

ESTRAGON. - Mas, vamos, não o conhecemos quase.

VLADIMIR. - Evidentemente..., não lhe conhecemos muito bem...; não obstante...

ESTRAGON - Eu, certamente, não lhe reconheceria.

POZZO. - Vocês me confundiram com ele.

ESTRAGON. - Bem..., a escuridão..., o cansaço..., a debilidade.... a espera...; reconheço...
que por um momento... acreditei...

VLADIMIR. - Não leve em conta, senhor, não faça caso!

POZZO. - A espera? Então, esperavam-lhe?

VLADIMIR. - Quer dizer...

POZZO. - Aqui? Em minhas terras?

VLADIMIR. - Não pensávamos fazer nada de mau.

ESTRAGON. - Tínhamos boas intenções.

POZZO. - O caminho é de todos.

VLADIMIR. - É o que nós dizíamos.

POZZO. - É uma vergonha, mas é assim.

ESTRAGON. - Não HÁ NADA A FAZER.

POZZO. - *(Com um gesto amplo.)* Não falemos mais disso. *(Tira-o da corda.)* De pé! *(Pausa.)*
Cada vez que cai, fica dormindo. *(Tira-o da corda.)* De pé, carniça! *(Ruído de LUCKY, que se levanta e pega sua carga. POZZO tira-o da corda.)* Atrás! *(LUCKY entra recuando.)* Quietos!
(LUCKY pára.) Volte! *(LUCKY se volta. Ao VLADIMIR e ESTRAGON, amavelmente.)*

Meus amigos: sinto-me feliz por haver-lhes encontrado. (*Ante sua expressão de incredulidade.*) Pois claro, verdadeiramente feliz! (*Tira da corda.*) Mais perto! (*LUCKY avança.*) Quietos! (*LUCKY detém-se. Ao VLADIMIR e ESTRAGON.*) Já se sabe, o caminho é longo quando se anda sozinho durante... (*Consulta seu relógio.*), durante... (*Calcula.*) seis horas, sim, justamente seis horas seguidas sem encontrar uma alma. (*Ao LUCKY.*) Casaco! (*LUCKY põe a mala no chão, avança entrega o casaco, retrocede, volta a pegar a mala.*) Toma! (*POZZO estende-lhe o látego. LUCKY avança e, ao não ter mais mãos, inclina-se e agarra o látego entre os dentes e depois retrocede. POZZO começa a colocar o casaco, mas se detém.*) Casaco! (*LUCKY deixa tudo no chão, avança, ajuda ao POZZO a colocar o casaco, retrocede e volta a pegar tudo.*) O ar é fresco. (*Acaba de abotoar o casaco, inclina-se, olha-se, ergue-se.*) Látego! (*LUCKY avança, inclina-se, POZZO lhe arranca o látego da boca, LUCKY retrocede.*) Já vêm, amigos não posso permanecer muito tempo sem a companhia de meus semelhantes (*Olha aos seus dois semelhantes.*), embora só muito imperfeitamente me assemelhem. (*Ao LUCKY.*) Cadeira! (*LUCKY deixa a mala e a cesta, avança abre a cadeira desmontável, coloca-a, retrocede e volta a pegar mala e o cesto. POZZO olha a cadeira.*) Mais perto! (*LUCKY deposita a mala e o cesto. Avança, move a cadeira, retrocede, volta a pegar a mala e o cesto. POZZO senta-se, apóia o extremo de seu látego no peito do LUCKY e empurra.*) Atrás! (*LUCKY retrocede.*) Mais atrás! (*LUCKY volta a retroceder.*) Quietos! (*LUCKY detém-se, ao VLADIMIR e ESTRAGON.*) Por isso, com sua permissão, ficarei um momento junto a vocês, antes de me aventurar mais adiante. (*À LUCKY.*) Cesto! (*LUCKY avança entrega o cesto, retrocede.*) O ar abre o apetite. (*Abre o cesto, tira um pedaço de frango, um pedaço de pão e uma garrafa de vinho. Ao LUCKY.*) Cesto! (*LUCKY avança, pega o cesto, retrocede e fica imóvel.*) Mais longe! (*LUCKY retrocede.*) Aí! (*LUCKY detém-se.*) Empresta! (*Bebe um gole na mesma garrafa.*) A

nossa saúde! *(Deixa a garrafa e fica a comer.)*

(Silêncio. ESTRAGON e VLADIMIR, encorajando-se pouco a pouco, giram ao redor do LUCKY e lhe olham por toda parte. POZZO remói com voracidade a parte de frango e atira os ossos depois de chupá-los. LUCKY dobra-se lentamente até que a mala toca o chão, incorpora-se bruscamente e começa outra vez a dobrar-se seguindo o ritmo de quem dorme de pé.)

ESTRAGON. - O que tem?

VLADIMIR. - Tem aspecto cansado.

ESTRAGON. - Por que não deixa a bagagem?

VLADIMIR. - E eu que sei? *(Aproximam-se dele)* Cuidado!

ESTRAGON. - E se lhe falássemos?

VLADIMIR. - Olhe isso!

ESTRAGON. - O que?

VLADIMIR. - *(Assinalando.)* O pescoço.

ESTRAGON. - *(Olhando o pescoço.)* Não vejo nada.

VLADIMIR. - Ponha-se aqui.

(ESTRAGON fica no lugar do VLADIMIR.)

ESTRAGON. - É verdade.

VLADIMIR. - Em carne-viva.

ESTRAGON. - É a corda.

VLADIMIR. - De tanto lhe roçar.

ESTRAGON. - Já vê.

VLADIMIR. - É o nódulo.

ESTRAGON. - É fatal.

(Reatam sua inspeção; detêm-se no rosto.)

VLADIMIR. - Não está mal.

ESTRAGON. - *(Encolhendo-se os ombros, ficando de focinhos.)* Parece-te?

VLADIMIR. - Um pouco afeminado.

ESTRAGON. - Baba.

VLADIMIR. - É natural.

ESTRAGON. - Joga espuma.

VLADIMIR. - Possivelmente seja um idiota.

ESTRAGON. - Um cretino.

VLADIMIR. - *(Avançando a cabeça.)* Parece um escrofuloso.

ESTRAGON. - *(O mesmo.)* Não é seguro.

VLADIMIR. - Ofega.

ESTRAGON. - É o normal.

VLADIMIR. - E seus olhos!

ESTRAGON. - O que têm?

VLADIMIR. - Saem-lhe.

ESTRAGON. - Para mim que está a ponto de arrebentar.

VLADIMIR. - Não se sabe. *(Pausa.)* Pergunte-lhe algo.

ESTRAGON. - Tu acreditas?

VLADIMIR. - O que se perde com isso?

ESTRAGON. - *(Timidamente.)* Senhor... -

VLADIMIR. - Mais alto.

ESTRAGON. - *(Mais alto.)* Senhor...

POZZO. - Deixem-no em paz! (*Voltam-se para o POZZO, que terminou de comer e limpa a boca com o dorso da mão.*) Não vêm que quer descansar? (*Pega o cachimbo e começa a enchê-lo.* ESTRAGON vê os ossos de frango pelo chão e os contempla avidamente. POZZO acende um fósforo e começa a acender seu cachimbo.) Cesto! (*LUCKY não se move, POZZO atira o fósforo com raiva e tira da corda.*) Cesto! (*LUCKY, a ponto de cair, reincorpora-se, avança, guarda a garrafa no cesto, volta para seu lugar e fica como estava.* ESTRAGON olha os ossos, POZZO tira outro fósforo e acende seu cachimbo.) O que querem vocês, não é seu ofício. (*Aspira uma baforada, estira as pernas.*) Ah!, agora estou melhor.

ESTRAGON. - (*Timidamente.*) Senhor...

POZZO. - O que há, amigo?

ESTRAGON. - Isto..., você não come... isto..., não necessita os ossos..., senhor?

VLADIMIR. - (*Irritado.*) Não podias esperar?

POZZO. - Pois, não; claro que não, é natural. Se necessito dos ossos? (*Move-os com a ponta do látego.*) Não, pessoalmente não os necessito. (*ESTRAGON dá um passo para os ossos.*) Mas...- (*ESTRAGON detém-se.*) mas, em princípio os ossos pertencem ao que os levou. Portanto, é a ele a quem têm que perguntar. (*ESTRAGON volta-se para o LUCKY, vacila.*) Pergunte-lhe, pergunte-lhe não tenha medo, ele o dirá.

(*ESTRAGON se dirige para o LUCKY, detém-se ante ele.*)

ESTRAGON. - Senhor..., perdão , senhor...

(*LUCKY permanece impassível. POZZO faz balançar seu látego. LUCKY levanta a cabeça.*)

POZZO. - Estão lhe falando, porco. Responde. (*Ao ESTRAGON.*) Ande.

ESTRAGON. - Perdão, senhor, quer você os ossos?

(*LUCKY olha ao ESTRAGON fixamente.*)

POZZO. - (*Espaçoso.*) Senhor! (*LUCKY abaixa a cabeça.*) Responde! Quer ou não? (*Silêncio do LUCKY. Ao ESTRAGON.*) São para você. (*ESTRAGON equilibra-se sobre os ossos, recolhe-os e começa a roê-los.*) É estranho. Esta é a primeira vez que rejeita um osso. (*Olha inquietamente a LUCKY.*) Espero que não me fará a tarefa de ficar mal. (*Chupa o cachimbo.*)

VLADIMIR. - (*Estalando.*) É uma vergonha!

(*Silêncio. ESTRAGON, estupefato, cessa de roer e olha alternadamente ao VLADIMIR e ao POZZO. POZZO, muito tranqüilo. VLADIMIR, em crescente agitação.*)

POZZO. - (*Ao VLADIMIR.*) Refere-se você a algo em particular?

VLADIMIR. - (*Decidido, balbuciando.*) Tratar a um homem (*Assinala ao LUCKY.*) assim... o encontro... um ser humano... não... é uma vergonha!

ESTRAGON. - (*Fazendo-lhe coro.*) Um escândalo! (*Volta a roer.*)

POZZO. - São vocês duros. (*Ao VLADIMIR.*) Se não for indiscrição, que idade tem você? (*Silêncio.*) Sessenta? Setenta?... (*Ao ESTRAGON.*) Quantos anos pode ter?

ESTRAGON. - Pergunte à ele.

POZZO. - Sou indiscreto. (*Esvazia, golpeando com o látigo, o cachimbo; levanta-se.*) Agradeço-lhes por me fazerem companhia. (*Reflete.*) A não ser que fique com vocês a fumar outro cachimbo. O que lhes parece? (*Calam.*) Oh!, sou um fumante regular, um fumante muito regular; não estou acostumado a fumar dois cachimbos seguidos, isso (*Leva a mão ao coração.*) produz-me palpitações. (*Pausa.*) É a nicotina; um outro trago, apesar de todas as precauções. (*Sussurra.*) O que lhes parece? (*Silêncio.*) Mas, possivelmente vocês não sejam fumantes. Sim? Não? Bom, é um detalhe. (*Silêncio.*) Mas, como me sentarei com naturalidade agora, quando já havia me levantado? Pareceria que..., como dizê-lo?..., claudico. (*Ao VLADIMIR.*) Dizia você? (*Silêncio.*) Não dizia você nada? (*Silêncio.*) Não

